Dificuldades na importação

BRASÍLIA — A chantagem dos bancos credores para que o Brasil pague os juros atrasados já está afetando a mesa dos brasileiros. Enquanto o embaixador para assuntos da dívida, Jório Dauster, ensaia com os credores os primeiros passos para a renegociação da dívida externa, o preço do arroz explode no mercado interno, tendo aumentado 15% só na última semana, quando o quilo do produto saltou de Cr$ 65,00 para Cr$ 75,00.

Embora aparentemente os dois acontecimentos não tenham relação entre si, a elevação dos preços foi causada pela dificuldade de os importadores brasileiros obterem crédito no exterior para importar o produto e suprir a escassez do mercado. Insatisfeitos com a recusa do Brasil em pagar os US$ 8,5 milhões de juros da dívida externa atrasados, os banqueiros resolveram reduzir as linhas de crédito de curto prazo, que são utilizadas pelas empresas brasileiras para financiar suas importações em prazos que variam de 30 a 120 dias.

Este incidente, que atinge generalizadamente todos os setores da economia de forma ainda sutil, atingiu duramente o mercado do arroz, antecipando o que pode ocorrer com outros produtos, principalmente insumos e matérias primas para a indústria. A quebra na safra este ano provocou um déficit de 600 mil toneladas do produto no mercado interno, e o produto disponível só dará para abastecer o mercado até dezembro. Diante da crise, o governo estimulou a importação de grão.

Mas, sem caixa e sem crédito, os importadores ficaram a ver navios. O vice-presidente da Bolsa de Cereais de São Paulo, Horácio Sanches, nas últimas semanas alguns bancos estrangeiros estavam cobrando até 6% sobre o valor da operação apenas para referendar uma carta de fiança encaminhada por um banco brasileiro. "Antes os exportadores aceitavam apenas a carta do banco brasileiro, que cobrava uma taxa entre 0,5% e 1% da operação", explica Sanches. E muitas empresas não conseguem o crédito mesmo se sujeitando ao pagamento destas taxas.

Até a semana passada as empresas haviam assinado contratos para a importação de apenas 168 mil toneladas, e os analistas acreditam que até março as compras externas não ultrapassarão 300 mil toneladas.

Ameaça — Este estrangulamento dos financiamentos de curto prazo, se for ampliado pelos credores, poderá comprometer a política de abastecimento do atual governo, baseada na liberdade de preços e na regulação do mercado através de produtos importados, em casos de escassez ou práticas desleais de empresas monopolistas. Se a ameaça de importação não existe, portanto, as empresas líderes de mercado sentem-se à vontade de impor seus preços aos consumidores, acelerando a inflação.

O secretário-executivo do Ministério da Economia, João Maia, acha que ainda não existe motivos para preocupação. O problema específico do arroz, segundo ele, está sendo resolvido com a abertura de uma linha especial de crédito externo por parte do Banco do Brasil. Como os produtos estratégicos para a economia, principalmente petróleo e matériais-primas, estão sendo importadas normalmente, ele não vê sinais de uma crise mais grave, além do impacto inflacionário. "Se a situação se agravar, teremos que ser mais seletivos na concessão das linhas de crédito de que dispomos", explica Maia. O secretário nacional de Economia, Edgard Pereira, também acha que as importações ainda estão surtindo efeito. "Veja o preço do cimento, que estava a US$ 120 a tonelada há um mês. Hoje encontra-se a US$ 90", exemplifica.